
LUZ OCULTA
DOS MISTÉRIOS
ANTIGOS

ADRIAN MCCOY

LUZ OCULTA DOS MISTÉRIOS ANTIGOS

PORTAL OFICIAL:

WWW.HLAMGATEWAY.COM

HIDDEN LIGHT OF THE ANCIENT MYSTERIES

- Luz Oculta dos Mistérios Antigos -


VOLUME 01
SEGREDO
MILENAR
DE UM OLHAR
INOMINÁVEL

ESSA É UMA HISTÓRIA BASEADA EM FATOS REAIS.

Alguns nomes, características, dinâmicas e circunstâncias
envolvendo algumas pessoas e locais foram alterados, condensados
ou adaptados com o objetivo de preservar
a privacidade dos envolvidos.

Comece a leitura do capítulo seguinte ao som da música que tocava durante o acontecimento narrado:



Capítulo I
Frio de Borboletas



Jogo dos Romances acontecia enquanto a música eletrônica aquecia os ânimos naquela noite, enfeitiçando o coração dos jovens; geração noviça, andarilhos inseguros de um mundo arcaico. Entre risos e abraços, aquecidos pela euforia, estrobos e luzes rotativas derramavam cores vivas sobre a escuridão, ferindo as sombras em lampejos febris, movendo intenções que pulsavam no ritmo encantado daquela festa. Vivíamos o início de um século que ainda cheirava a novidade: celulares de pequenas teclas piscavam nos bolsos, ainda distantes da importância que um dia teriam. As primeiras câmeras digitais aguardavam o instante de um clique inseguro; alguns dos afetos ali despertos prosseguiriam na manhã seguinte pelas janelas coloridas do Messenger — o saudoso MSN. Todas aquelas músicas haviam sido gravadas em pequenos discos que chamávamos de "CDs", e agora nos presenteavam com canções destinadas a sobreviver por décadas a fio.

Em meio ao êxtase coletivo, uma jovem de notável elegância roubava a atenção de todos. Cada batida musical encontrava

resposta em seus passos. Sombras projetadas entrelaçavam-se no chão como espectros em movimento, compondo um mosaico de desejos e expectativas. Ela, Marin Pavlova, mostrava-nos conhecer muito bem a coreografia daquele hit eletrônico. Seu corpo movia-se num ballet apressado junto ao loiro dos seus cabelos, agora envoltos em fumaças glicerina. O mover das belas silhuetas, os olhos azuis que brilhavam as expectativas, os braços que cortavam o espaço com uma suavidade provocante; como um show improvisado, ela encantava a minha noite.

Pelos arredores, jovens entregues à alegria imediata dançavam sem amarras. A multidão formou diante de mim um obstáculo sutil, dificultando minha aproximação; ela deixava de ser apenas uma distração e agora se tornava um real objetivo — mais um ponto no meu vaidoso jogo imaginário.

> Eu vestia uma camiseta slim ajustada — preta de malha grossa — calça jeans, colar, pulseiras, um pequeno brinco de crucifixo. Meus cabelos eram de um preto profundo, e agora viam-se curtos nas laterais e gradualmente mais longos no alto da cabeça, onde fios espessos em gel se erguiam em um topete volumoso, penteado para trás e ligeiramente para o lado.

Passei a observá-la por um tempo... sua vibe jovial, o sorriso tímido, os trejeitos... e os nossos olhares se cruzaram! Sobreveio-me o frio de borboletas, pois em seus olhos parecia haver um convite! Seu sorriso veio como raio de luz pelas penumbras, atiçando ainda mais os meus ânimos. Olhei para os amigos que

estavam ao meu lado e, numa expressão travessa, fiz um sinal para que me observassem. Riram entre si, supondo a minha ação, já que todos no local vinham admirando aquela que dançava feito uma princesa medieval em um baile moderno. Eu me aproximei até que me olhasse novamente... e logo ela sorriu, mais uma vez! Tomei suas delicadas mãos e recorri ao meu costumeiro charme: beijei uma delas enquanto a fitava. Seus lábios entreabriram-se e compreendi que se entregou. Abracei-a, envolvendo suas costas num toque deslizante, trazendo seu corpo a colar-se no meu. Os corações dispararam como se compartilhassem o mesmo compasso da canção, ainda encarando um ao outro, ansiosos, dançando lentamente.

E próximos... mais próximos... frente a frente...

E o beijo aconteceu!

O gesto intenso, carregado de urgência e descoberta — um desses raros episódios em que o tempo parece ceder, recuar, respeitando a magia de um encontro. Dissolveu-se o mundo ao redor e tudo o que existia resumiu-se apenas a nós dois.

Eu realizava agora o meu primeiro evento:
uma baladinha gamer nos salões de um pub-lan-house.

O local vibrava em expectativas, repleto de amigos e desconhecidos, atraídos pela promessa de bons momentos. Surpreendeu-me, pois, a presença daquele que eu via como o "*auge*

da popularidade" — Petrus Hassan, o chamado "PH". Era ele um jovem para quem o galanteio não era uma estratégia, como para mim, mas puro instinto. Destacava-se por sua presença, seu dengo e charme espontâneo. Já eu, em contrapartida, conquistava pelo esforço, com grande auxílio da minha aura — uma energia misteriosa que fascinava uma parte, mas causava grande estranheza à outra.

> PH fora quem havia dado início às festas gamer naquele mesmo estabelecimento. No térreo deste funcionava uma fusão de pub e locadora, enquanto no piso superior achava-se a lan-house com um amplo espaço de convivência. Era um dos pontos de encontro mais queridos da juventude Zona Sul. Um local estratégico, frente ao requintado Clube de Campo, ao lado de um McDonald's — rente às águas do cartão-postal da cidade: o Lago do Taboão. Eu ainda era novidade naquele meio. Fui me metendo aos poucos, conquistando o meu espaço por entre jovens que orbitavam a alta sociedade. Com eles eu vivia uma vida paralela, distante dos meus caminhos habituais — as distrações que haviam moldado meus dias até então: um clube diferente, com amigos diferentes, outras histórias.

Com a festa pulsando sob minha responsabilidade, deixei Marin, possibilitando que suas amigas voltassem a tê-la. Foi quando cruzei com meus amigos — Túlio e César (apelidado Índio) — que me cumprimentaram de forma insinuante devido àquela minha *"proeza"* em meio à balada. Acessei o território dos gamers,

vibrando numa energia distinta, observando os computadores ligados — campeonato de Counter-Strike. Refrigerantes na mesa, teclados Saitek de luz azul, mouses Razer Diamondback; os jogadores ansiosos, cuidadosos para não tomarem um headshot ou serem "operados" pelas costas. Aquele jogo nos dominava como uma religião momentânea! Explosões digitais se faziam, seguidas de berros coletivos. MLF, P!$tis, PresunteX, PyroRaptor, TMØ, MØl, PH — eram os nicknames dos players em destaque. Alguns espectadores se espremiam atrás das cadeiras tentando enxergar as partidas. Vivíamos, por meio daquilo, o auge de uma era que se tornaria inesquecível sem que sequer imaginássemos.

E eis que um sentimento estranho me acometeria pela primeira vez na vida: uma impressão indelével — uma imagem persistente. Surgiu após eu observar a logomarca estampada em um daqueles mouses Razer: três cobras entrelaçadas de tal maneira que, ao centro, pareciam formar uma triquetra.

Em seguida — apesar de já ter visto umas duzentas vezes — observei que todos os gabinetes dos computadores eram Raidmax Cobra, cujos painéis reproduziam o desenho do mesmo animal, e emitiam igualmente uma luz azul.

Isso foi deveras agravado assim que me coloquei em retirada e presenciei o surto de euforia de Sandra, a jogadora apelidada Pistis, devido a uma façanha de combate. Ela se levantou bruscamente para despir-se de sua jaqueta... mas

> isso arrebentou com seu colar, pois ele estava preso na veste removida, fazendo com que o pingente voasse e aterrizasse justamente em minha frente. Agachei-me para pegá-lo quando até me arrepiei com o formato daquela bijuteria: uma cobra.

O andar inferior também vinha preparado, tendo sido transformado em um refúgio de divergentes intenções. A tênue iluminação desenhava sombras alongadas nas paredes, suavizando os contornos e criando espaços propícios aos mais ousados. Mesas espalhadas, bancos convidativos, pequenos territórios destinados a conversas longas, risadas e paqueras. O bar reluzia com garrafas de vidro colorido, pronto para servir drinks de todos os tipos.

Enquanto eu ia descendo, avistei meu amigo Dimitri junto de uma jovem e daquela que seria apresentada pelo nome de "Ceridwen", sendo ela a sua "*mestra*". A mulher chamou-me a atenção: alta e magricela — trajando roupas inteiramente pretas e um chapéu *pork pie* da mesma cor. Aparentava quatro décadas de vida, havendo nela uma energia profunda, elegância contida e aristocrática. Seu sobretudo lhe caía bem; os olhos azuis, frios e penetrantes. No peito repousava um colar com pingente pentagrama prateado, parecendo carregar significados profundos. No entanto, antes que eu pudesse indagar o motivo daquele seu tão honroso título, fui interrompido! Cláudio, o segurança — simpático instrutor da academia que eu frequentava — chamou-me do pé da escada, visivelmente impressionado! Ele apontava para a porta de entrada, explicando que havia lá fora *uma jovem* sem convite, insistindo em falar com o "responsável pela festa"...

Segui pelas escadas como se descendo por
montanha-russa enquanto ele ainda falava...
tudo ao meu redor pareceu entrar em câmera lenta...

E lá fora eu contemplaria o absurdo que me aguardava...

Capítulo II
Um olhar inominável



brilho noturno perdia sua força diante do despertar do meu fascínio ao vê-la achegar-se... parecia perdida, intrigada, curiosa perante uma festa que alegaria desconhecer. Estrobos ainda disparavam seus flashes lá de dentro, rasgando a penumbra em clarões levianos; os burburinhos dos jovens se reduziram, pouco a pouco, a meros sussurros... meus sentidos simplesmente ignoraram tudo aquilo que não fosse ela... rostos, vozes, música, movimento — tudo dissolveu-se na periferia da minha percepção totalmente impressionada! A atmosfera pareceu se dobrar à sua presença...

— Olá, bela moça! Boa noite! — tomei uma de suas mãos e toquei os lábios naquela pele principesca — Ao que devo a honra?

Em sua face uma expressão de espanto e admiração.

— Nobre cavalheiro, é minha, pois, a honra!

O primeiro sorriso... de um riso único em uma era.

Aquele primeiro olhar em que nos apercebemos encantados e, deslumbrados, reconhecemos um momento especial. Aquele carinho destemido; o sentimento atrevido que ultrapassaria o juízo, a distância e o tempo...

— Meu Deus! Quem é você?

Ela segurou levemente as laterais do seu sobretudo com as pontas dos dedos, deslizou um pé para trás flexionando suavemente os joelhos, inclinando o corpo em um movimento controlado e elegante — uma forma clássica de saudação feminina:

— Sophia Francova Oršić, ao vosso dispor!

Longos cabelos negros como as madrugadas dos amantes — noites serenas, de entregas e perdições — erguiam-se em indomada rebeldia, armados e vivos; mechas desfiadas ao estilo Shaggy. Franjas repicadas apontavam para os lábios, como se flertassem com o pecado primevo. O rosto pálido e impecável talhado como a delicadeza fria de uma porcelana, com poucas e charmosas sardas. Evocava as moças errantes de vilas encantadas, penosamente marcadas por delírios de homens condenados a amarem o impossível...

E o seu olhar inominável...

Dourados vibrantes; âmbares incandescentes!

A maquiagem era precisa, calculada: cílios densos sob o rímel aprofundavam ainda mais seus olhos croatas; uma beleza rebelde, soturna, sutilmente macabra. Abaixo do olho esquerdo, uma estrela tatuada sobre o alto da maçã do rosto — a Rosa dos Ventos* — quebrava a delicadeza das feições; e uma pequena argola negra em seu nariz surgia como um ornamento rebelde. Vestia um exuberante sobretudo steampunk preto, trajado aberto sobre um minivestido de couro vermelho punk-bondage afivelado, justo o bastante para acompanhar suas curvas; era composto por ilhoses e rebites metálicos que faiscavam sob a luz. No pescoço, uma gargantilha afivelada fechava o conjunto com uma provocação deliberada.

Simbolicamente seria agora o início da minha vida!
Eis diante de mim o sinete de toda a minha história.

Ela pareceu notar algo assustador nas profundezas dos meus olhos! Aproximou-se perigosamente, reduzindo a distância até ficarmos frente a frente...

— Sou eu, antes, quem te há de perguntar, sangue de Ruggero: quem és tu? Que mistérios se ocultam nesses teus olhos? E por que razão se te revela o Ajna[1] com tamanha evidência? — baixou a voz — Eis o selo da Lua Negra! *Solve et coagula!*

---

[1]**Ajna**: termo sânscrito que designa o chamado *terceiro olho*. Não se refere a um centro físico, mas a um estado de percepção interior, associado ao discernimento silencioso e à visão além dos sentidos.

Levou uma das mãos ao meu rosto e fechou os olhos, num gesto dramático diante de alguns que nos assistiam de escanteio.

— Confesso-me, pois, fascinada! Como logras ocultar luz tão vasta e antiga sob o grave peso de tuas sombras?

— O quê? — estranhei, já desconfiando de sua sanidade.

Enquanto meus lábios se abriam a lhe perguntar sobre o significado de algumas palavras que mencionara, prosseguiu:

— Perguntaste-me, pois, quem sou?

Uma pausa dramática... e falou aos meus ouvidos:

— Eu sou a escolhida!

Aquela que foi enviada para te proteger...

Um arrepio!

Fechei o semblante, e ela fez o mesmo... por alguns incômodos segundos — como se previssemos assim o peso de uma longa história — mantivemos os olhos cravados um no outro, sérios, imóveis; algo invisível moldado no silêncio. Mas subitamente ela riu, levando uma das mãos à boca! Pousou a outra sobre meu ombro, anunciando que tudo não passara de uma simples brincadeira.

— Como você pode ter esses olhos tão lindos? Olhos de ouro! — perguntei fascinado — Eu nunca vi isso!

E aquilo que deveria ter sido a graça de um flerte resultou em um incômodo notável:

— Tu estás... estás a ver meus olhos como dourados?

— Mas é claro! Quem não veria?

Ficou boquiaberta! Traços de assombro na face impecável. E parecendo esconder seus motivos, começou a rir com o mesmo trejeito que encenara pouco antes, falando de outras coisas.

Parafusos pareciam lhe faltar.

Convidei-a a nos sentarmos em um dos bancos do salão, às escuras. Por sua vez, antes de sentar-se, despiu seu sobretudo, revelando no ombro esquerdo a linda tatuagem de uma cobra.

— Quem é você? O que faz da vida? Do que você gosta? Quais as suas intenções ao invadir a minha festa? — interroguei em tom brincalhão a fim de iniciarmos um bom diálogo.

— Como é que é? — riu, entrando em minha onda — Não o sei! Talvez me tenha sido despertado o interesse por jovens com sombras profundas no olhar, singularmente conflitantes com uma Luz inexplicável em seus corações? Não sei, pois... que poderá ser? Há de haver aí algo deveras valioso; ou não te parece?

— Não sei! — gesticulei, fingindo refletir — Aquilo de mais valioso que vejo no momento está agora diante dos meus olhos.

O cortejar precoce, típico da juventude. Isso juntamente à percepção de como aquele meu português, e o de praticamente todo o Brasil, perderam grande parte do seu brilhantismo.

> Havia ainda, em sua voz, um discreto sotaque estrangeiro que eu não sabia identificar. Falava com inteira desenvoltura, mas as consoantes bem recortadas, certas vogais demoradas e a maneira singular de acentuar as palavras conferiam uma cadência diferente ao seu português. Eu me distraía acompanhando aquela pronúncia, atento não apenas ao que dizia, mas à maneira como cada frase lhe escapava dos lábios; precisando até, por vezes, solicitar que repetisse o que acabara de dizer; e não apenas pelo sotaque, mas também pelo estilo arcaico de suas palavras.

Ali permanecemos por um bom tempo: drinks coloridos por entre os dedos, palavras lançadas, olhares demorados — doces expectativas. Contou residir em um prédio naquele mesmo quarteirão, dividindo o apartamento com suas irmãs e uma amiga. A conversa avançou por questões espirituais, crenças, princípios, mistérios da existência; teor denso, filosófico demais para uma noite de alegrias. Ainda assim, nosso entrosamento fora perfeito! O flerte intenso, evidente, acabou por causar alarde silencioso pelo recinto.

Dimitri ressurgiu tocando-me nos ombros ao lado daquela sua ente misteriosa. Cumprimentei Ceridwen novamente e também a outra jovem, agora apresentada por "Amanda"; cuidando para não derrubar meu drink. A mestra me fitou por alguns segundos... um olhar sério, avaliador, intimidante. Mas antes que o silêncio se solidificasse, Sophia aproximou-se com um entusiasmo súbito:

— Tu és Ceridwen, correto? A *élder*[2] do Círculo das Estrelas! A maga wiccana das runas e do tarô! Ao que devemos a honra?

No instante a seguir eu perceberia a discrepância gritante entre a mulher que ela aparentava ser e aquela que realmente era. A austeridade cedeu lugar a uma pessoa simples, doce no trato, educada; quase tímida diante de desconhecidos.

— Muito obrigada, minha jovem! Nosso irmão Dimitri falou acerca de Adrian, dizendo ser ele portador de misteriosas energias! — um gesto cômico de espanto — Portanto, vim conferir.

— Pois certamente confirmastes! Que faremos, pois?

A mestra pareceu intimidada por tão fino trato.

— Vou convidá-lo a juntar-se a nós! Aliás, você também! Faço questão de que venha junto. E, sem querer soar fantasiosa… sinto que você emite uma energia curiosamente inexplicável!

— Sim, Sra. Ceridwen! Com muito…

E foi interrompida!

---

[2]**Élder**: título atribuído ao membro mais antigo e experiente de um grupo iniciático. Sua autoridade é simbólica e memorial, fundada no reconhecimento coletivo, na preservação da tradição e na validação ética das práticas.

Eu, que já me encontrava deslumbrado, encantei-me ao contemplar a outra beleza que surgiu do nada, tomando minha bela pelos braços!

> Eu nunca serei capaz de explicar devidamente o que era a beleza daquela jovem! Era como se fosse duas vezes maravilhosa! Havia a sua beleza aparente: o rosto perfeito de princesa; a pele clara, lisa e com o charme das sardas. Mas havia juntamente a sua beleza oculta... um brilho fantasmagórico, fascinante e sedutor.

E alguma coisa parecia me dizer que
eu já conhecia aquela jovem...

Potencializando o meu espanto, os mesmos olhos dourados; a mesma Rosa dos Ventos abaixo do olho esquerdo, na maçã do rosto sardento. Sua face era branca, mas não pálida, e possuía até uma certa semelhança facial com a outra. Apesar do impacto de sua presença, estava vestida de pijama! Uma camiseta comprida vermelha com estampas de lua nova; e calçando chinelos. Somavam-se os longos cabelos ruivos, agora presos por um laço; maravilhas cacheadas, volumosas, que desciam em tranças como chamas domadas por suas costas — um vulto de fogo ainda contido, discreto e amarrado; movendo-se por entre sombras e luzes. Não olhou para ninguém nem para nada, mas disse algo para Sophia sobre um

tal de Lauro... e minha querida teve um sobressalto, chamando a ruiva pelo nome: *Lunna!* E endireitou-se de imediato, anunciando:

— Senhores! Cumpre-me partir! Até breve!

Um pânico me tomou! Jamais eu poderia permitir que alguém como ela se perdesse em minha noite.

— Não! De forma alguma!

Corri para fora aos gritos, quase derramando parte do meu drink. Cláudio, porém, colocou-se à minha frente:

— Adrian, me desculpe! Mas essa ruiva é ainda mais sinistra do que a outra, cara! Passou por mim falando que queria entrar e me olhou de um jeito que me deixou paralisado! Sério, cara! Eu fiquei paralisado! Jesus! — levou as mãos à cabeça — Quem são essas meninas? E a primeira tinha vindo falar comigo, falando como se fosse Dom Pedro! Cara! Que doidera é essa?

Embora igualmente espantado, fiz um gesto para que me aguardasse e deixei o prédio; não contendo o meu riso devido à comparação que fez com o nosso imperador.

Lá fora a ruiva me olhou... e eu olhei para a ruiva...
e não foi um simples olhar!

O véu de um mundo triste rasgava-se diante de mim, revelando-me a depressão numa versão conto de fadas. Em seus olhos, clamores silenciosos sussurravam sobre algo indecifrável.

Até derrubei minha bebida! O copo explodiu e seu líquido tingiu o chão de um azul atrevido. As duas estacaram, encarando-me assustadas. Falei para Sophia, embora constrangido:

— Fique um pouco mais! Eu gostei de você!

Ela hesitou, preocupada com a tal notícia que recebera. A ruiva, porém, passou a arrastá-la pelos braços. E se foram.

Um arrepio me sobreveio... novamente!

A troca de olhares com Lunna não fora algo do tipo romântico;
mas um mistério espiritual... um presságio!

Voltei para minha festa.
Cláudio estava pálido e parecia transtornado!
A misteriosa mestra, alheia à novela que se desenrolava, aproximou-se e estendeu um envelope lacrado com selo de cera — como se retirado de uma outra era — solicitando que eu o abrisse mais tarde. Ao mesmo tempo, amigas de Marin surgiram fulas da vida, puxando-me pelo braço e apontando em direção à entrada, fazendo com que eu presenciasse a jovem Pavlova deixando o prédio:

— Parabéns, Adrian! Olha o que você fez!

Fui repreendido sem piedade enquanto a mestra me chamava a atenção, ressaltando a importância daquilo que ela havia me entregado; tão logo partiu junto a Dimitri.

Lancei-me sobre um dos bancos — o corpo pesado, a mente em turbilhão. Mas a curiosidade pelo envelope logo me sobreveio... e com as mãos trêmulas, rompi o selo e retirei uma pequena folha de papel couché, lixada e envernizada para simular aspecto antigo. E aquele simples papel conteria as palavras que anunciariam, literalmente, uma transformação total em minha vida! Tratava-se de um convite para um evento que, duas décadas mais tarde, tornar-se-ia o maior de sua categoria em toda a América Latina:

